

Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam



ARTES VISUAIS E ANOS 1980 **NO BRASIL**



CCBB Educativo - Lugares de Culturas

Fernando Barata

Cruzeiro do Sul, 1987

Acrílica sobre tela

174 x 200 cm

Coleção Jarbas Camargo Penteadó

DIÁLOGOS EM GALERIA

Fullgás - artes visuais e anos 1980 no Brasil gira em torno da produção artística realizada no país nesse período histórico. A mostra observa a década de 1980 para além do recorte tradicional da disciplina da História em um período alongado entre dois eventos: o final do Ato Institucional 5, o mais duro dos atos promulgados pela ditadura militar, em outubro de 1968, e o ano posterior ao *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em dezembro de 1992.

A exposição reverbera os anos que a sociedade foi dominada pela repressão, que, aos poucos, se dissolve e dá espaço a um desejo de libertação e a uma ansiedade por uma vida mais liberal, que surgem de maneira gritante nas artes visuais, especialmente após o fim oficial da ditadura militar em 1985. *Fullgás* reúne artistas que iniciaram suas trajetórias nesse período e traz obras do tempo inicial de suas carreiras.

Este caderno foi elaborado com o intuito de ser um companheiro na visita, e nas reflexões, à galeria. Ele pode ser lido antes de chegar à exposição, durante a visita (instigando o olhar) ou após o trajeto (colaborando em reflexões e estudos). A proposta é que este roteiro seja uma das muitas conversas possíveis de serem traçadas nesta exposição.

Boa experiência!

Wilson Piran

Miragem, déc. 1980-2021

Glitter sobre madeira

15,5 x 59 x 1,5 cm

Coleção particular

MEU MUNDO VOCÊ É QUEM FAZ
MÚSICA, LETRA E DANÇA
TUDO EM VOCÊ É FULLGÁS
TUDO VOCÊ É QUEM LANÇA
LANÇA MAIS E MAIS
(...)

VOCÊ ME ABRE SEUS BRAÇOS
E A GENTE FAZ UM PAÍS

"Fullgás", canção de Antônio Cícero e Marina Lima

miragem

Intitulada com o mesmo nome de uma das mais conhecidas canções da música popular brasileira, a exposição *Fullgás* é uma oportunidade de mergulho na arte e em outros elementos da cultura visual da década de 1980. Artes visuais, música, costumes, tudo isso fazia o mundo daquela época e marca também como podemos ver em paralelo o que o mundo de hoje nos apresenta, que nos lança, mais e mais.

No português, a palavra fugaz significa algo que é “passageiro, que dura muito pouco, que desaparece rapidamente”, e a palavra inventada “fullgás” tanto guarda alguma fugacidade, como também parece ter muito a ver com o significado de “full”, que no inglês quer dizer “cheio”.

O recorte apresentado pelos curadores que organizaram esta exposição nos permite acessar um redesenho do mundo naquele momento, um mundo cheio de energia e esperança em tempos senão melhores, ao menos diferentes. Talvez muito do que se esperava do futuro naquele momento não tenha se concretizado, e hoje o que se projetava parece ter sido uma grande ilusão, uma miragem (palavra que aparece na obra de Wilson Piran presente na exposição).

Ainda assim, certamente para fazermos um país precisamos abrir nossos braços (como diz a música de Antonio Cícero e Marina Lima) e acolher os tantos novos mundos e caminhos que a arte é capaz de nos apresentar

ANOS 1980

O que os artistas fizeram nos anos 1980 no Brasil?
E em outras partes do mundo?

Quando buscamos observar o que a arte nos apresenta em uma determinada época – uma década, um século ou em recortes de tempo maiores – percebemos mudanças, transformações, disputas.

Fatos históricos, questões políticas, o contexto da economia de um país ou transformações no campo da arte são aspectos que influenciam os processos de criação. Assim, vemos surgir obras de arte que, das mais diversas formas, refletem acontecimentos culturais importantes.

Na exposição **Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil**, há um destaque de aspectos da cultura visual daquele momento. Chamamos de cultura visual o conjunto de tudo o que compõe e caracteriza uma época: seja aquilo que vemos no dia a dia, em casa ou na rua, ou as imagens exibidas nos meios de comunicação como a televisão, o cinema, a publicidade, ou mesmo o que é mostrado em espaços de arte. Mesmo parecendo algo quase impossível de se imaginar, naquele momento não havia acesso à internet nem a redes sociais. Mesmo assim, os programas de televisão, os videogames, as revistas, jornais e álbuns de figurinhas eram formas de criar as trends da época, criando influências importantes também para a arte. Computadores, imagens, cores e formas que habitam nosso cotidiano, seja em casa ou na rua.

TREND

Esse termo, hoje muito usado no contexto das redes sociais, vem do inglês e significa “tendência”. Atualmente as tendências são lançadas por influenciadores e atingem milhões de seguidores em instantes. Sem a internet e as redes sociais, os anos 1980 tinham na televisão um de seus principais meios de comunicação, onde algo era lançado para virar a moda do momento a ser copiada. Um bom exemplo disso, na exposição, é o figurino usado pelas Paquitas, ajudantes de palco da apresentadora Xuxa Meneghel no programa diário de TV Xou da Xuxa. O programa era um sucesso entre crianças e adolescentes, e a grande maioria das meninas e também alguns meninos da época tinham o sonho de tornar Paqueta ou Paquito.

Todas as mudanças ocorridas na sociedade vão influenciar a temática e os materiais com os quais os artistas desenvolvem suas criações. Naquele período, o movimento pelas eleições diretas para presidente do Brasil reuniu artistas e pensadores diversos. Era um desejo comum que o país voltasse a ter garantias de direitos para todos os cidadãos e que o sistema político ditatorial, vigente até a década de 1980, tivesse fim. Mesmo que não seja de forma literal, estas questões certamente impactam como artistas e suas produções.

Até mesmo as características específicas, técnicas, presentes nos modos de fazer, pensar e ver obras de arte são revistas ao longo de toda a história da arte, passando por movimentos de transformação. Nas décadas de 1960, 1970 e também na de 1980, os artistas cada vez mais vão se interessando por investigar as coisas comuns. Isso os levou a observar com outros olhos tudo o que faz parte do dia a dia das nossas vidas: rádios, máquinas de escrever, computadores, imagens, cores e formas que habitam nosso cotidiano, seja em casa ou na rua.

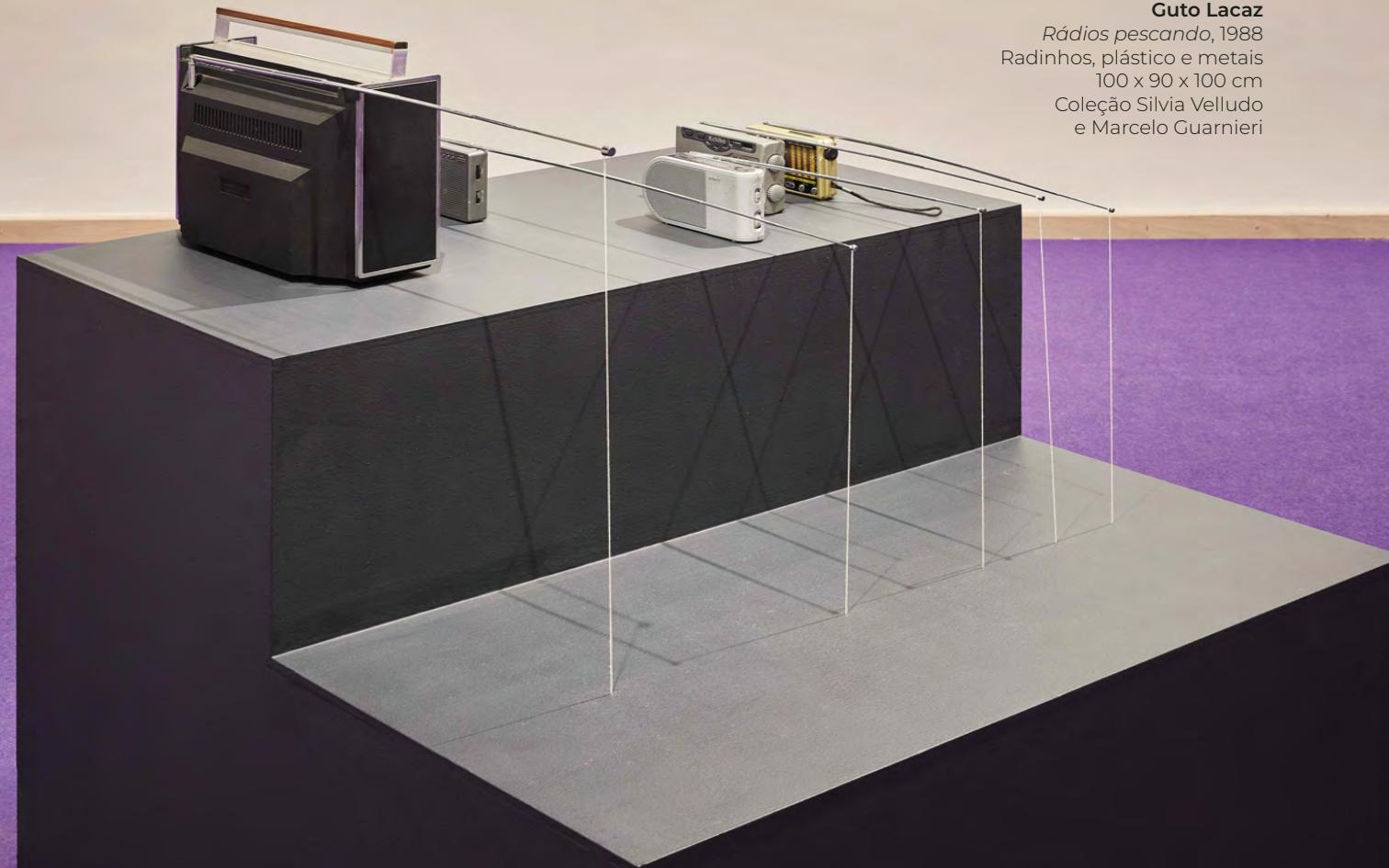
Guto Lacaz*Rádios pescando*, 1988

Rádios, plástico e metais

100 x 90 x 100 cm

Coleção Silvia Velludo

e Marcelo Guarnieri



READY-MADES

A junção dessas duas palavras em inglês significa “já prontos”, em tradução livre. Marcel Duchamp, um dos nomes mais importantes da História da Arte Moderna e Contemporânea, selecionava objetos e peças industrializadas, modificando sua função original ao transformá-los em obras de arte. A partir desta ação, Duchamp consegue apontar que objetos comuns também podem ter status de obras de arte ao serem apresentadas em galerias de arte. O primeiro ready-made criado por Marcel Duchamp, em 1912, foi a roda de bicicleta, uma junção de uma roda de bicicleta presa em cima de uma banqueta de madeira. Guto Lacaz cita Duchamp ao criar "Volta dada" (2014), uma obra cinética formada por uma miniatura de uma banqueta de madeira de cabeça para baixo, presa a uma máquina que faz girar uma minúscula roda de bicicleta.

CADA COISA ÚTIL, COMO FERRO, PAPEL ETC.
DEVE SER ENCARADA SOB UM DUPLO PONTO DE VISTA:
SEGUNDO QUALIDADE E QUANTIDADE.

CADA UMA DESSAS COISAS É UM TODO DE
MUITAS PROPRIEDADES E PODE PORTANTO
SER ÚTIL SOB DIVERSOS ASPECTOS.

DESCOBRIR ESSES DIVERSOS ASPECTOS E PORTANTO
OS MÚLTIPLOS MODOS DE USAR AS COISAS
É UM ATO HISTÓRICO

Karl Marx, O capital
(retirado de uma citação de um catálogo de Guto Lacaz)

A obra “Rádios pescando”, do artista Guto Lacaz, nos apresenta como um objeto comum; visto por novos ângulos, pode ganhar outros sentidos.

Organizando vários rádios com as antenas abertas e com linha e anzol de pescar pendurados, Lacaz faz um comentário bem-humorado sobre estes aparelhos.

Os rádios “pescam” as ondas radiofônicas para transmiti-las aos ouvintes. Com a proposta do artista, podemos pensar que os ouvintes, além das ondas de rádio, são também capturados - pescados - pelo que o aparelho de rádio emite, seja uma música, uma notícia ou uma partida de futebol.

Guto Lacaz

Guto Lacaz é o nome artístico do paulistano Carlos Augusto Martins Lacaz, nascido em São Paulo, em 1948. Guto além de artista visual, também atua em outras áreas da criação, como o design gráfico, a ilustração e a cenografia. É um dos pioneiros na associação entre arte e tecnologia. Seu bom humor e sua maneira própria de olhar coisas comuns estão sempre presentes no seu trabalho.

Os anos 1980, no contexto da arte nacional e internacional, foi um período também conhecido por uma retomada da prática da pintura, historicamente um dos meios mais antigos e tradicionais para se criar uma imagem. Antes mesmo dessa década, os artistas já estavam mergulhados em novas formas de criar arte, e até mesmo em repensar o conceito ou a definição do que é arte. Este processo fez com que linguagens artísticas, como a pintura, fossem também revistas, ganhando outros modos de realização.

Associando elementos que exemplificam bem essa redefinição, a obra “sem título, 1989-91”, de José Rufino, une duas máquinas de escrever com uma mesma tira de tela com manchas de tinta preta, como se houvesse ali uma conversa. Diante desse diálogo que se passa entre as duas máquinas, parece que algo também nos convida a participar.

Ao mesmo tempo, essa obra nos apresenta um novo modo de se fazer uma pintura. Aqui, a obra passa a ser produzida por outros meios além da utilização de uma tela retangular onde a tinta é pincelada e cria uma imagem reconhecível. As máquinas de escrever, objetos que não eram tradicionalmente utilizados como material artístico, passam a ser parte da obra, que pode ser chamada de "pintura-objeto".

José Rufino

O artista José Rufino teve sua obra marcada por experiências de sua infância na área rural do semi-árido da Paraíba, região onde nasceu, em 1965. Filho de uma artista plástica e filósofa e um engenheiro civil, ambos ligados a movimentos sociais de resistência à ditadura militar, Rufino tem uma obra que articula a pintura, os objetos, a instalação, a fotografia e aspectos da cultura nordestina de modo poético e singular.

**José Rufino**

Sem título, 1989-91

Têmpera, emulsão acrílica sobre documentos e máquinas de escrever

200 x 79 x 44 cm

Coleção do artista

**SE TIVER INTERESSE
EM APROFUNDAR
SEUS CONHECIMENTOS**

sobre a arte produzida no Brasil e no mundo na década de 1980, e conhecer aspectos relacionados a ela no contexto da história e da crítica de arte, busque pelas palavras-chave:

- Neo-expressionismo;
- Neobarroquismo;
- *Bad Painting*;
- Transvanguarda.



Marcos Chaves

Sem título (da série *Hommage aux mariages* [Homenagem aos casamentos]), 1989/2020

Madeira e plástico

60 x 40 x 15 cm

Cortesia do artista e Nara Roesler

Também se utilizando de objetos comuns, presentes no dia a dia, o artista Marcos Chaves cria a obra "*Hommage aux mariages*" (homenagem aos casamentos, em tradução livre).

Ao unir as cerdas de duas escovas de lavar roupa, fazendo com que elas compartilhem os mesmos fios continuamente, o artista nos permite pensar nessa e em outras formas de compartilhamento, como o título do trabalho propõe. No casamento ou nas relações amorosas em geral, há um aumento de proximidade e de troca afetiva.

Ao observar e associar os universos da arte, do amor e dos objetos comuns, o artista amplia suas possibilidades de criação e ao mesmo tempo nos revela novos modos de compreensão destas questões.

Marcos Chaves

O artista carioca Marcos Chaves trabalha com objetos, instalações e fotografia. Nascido em 1961, é formado em arquitetura. Aspectos e objetos da vida cotidiana são frequentemente escolhidos pelo artista para realizar suas obras, como escovas de lavar roupa, fotografias de paisagens muito conhecidas (como o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro) e imagens publicitárias nas quais o artista faz alterações com frases e outros elementos visuais ou textuais.



“A PINTURA É EMOÇÃO, FRUTO DE UMA EXPERIÊNCIA, NÃO NASCE COMO TEORIA, MAS PODE GERAR TEORIA”

Frederico Moraes, crítico de arte (1984)

Leonilson utiliza o corpo humano como metáfora da cidade, com seus órgãos representando diferentes aspectos da vida urbana. Essa abordagem inovadora subverte a tradição da pintura de retratos, colocando o corpo não como um objeto de representação realista, mas como um campo de exploração simbólica e poética.

JOGO DO OLHAR

“As ruas da cidade” é uma pintura que não possui chassi (estrutura de madeira sobre a qual a tela é esticada), nem moldura. Quando a obra é exposta, ela é fixada diretamente na parede. A decisão de Leonilson de pintar sem chassi e moldura (neste e em outros trabalhos) é um gesto que subverte as convenções da pintura tradicional. Ao eliminar esses elementos, o artista cria obras mais livres, mais próximas do corpo e da experiência sensível. A tela, sem a rigidez do suporte, parece pulsátil, como um organismo vivo, ao mesmo tempo em que a ausência da moldura também contribui para a sensação de fragilidade e vulnerabilidade da obra.

Leonilson mistura elementos da anatomia de órgãos internos do corpo humano com frases poéticas. A cidade, nesse contexto, não é apenas um espaço físico, mas também um espaço interior, um reflexo da nossa própria experiência e dos nossos sentimentos. Junto aos nomes que se referem aos órgãos, vemos também na imagem duas frases que chamam a atenção: “são tantas as verdades” na parte de cima da pintura, na altura do cérebro, e “as ruas da cidade”, na parte de baixo. As frases fazem referência ao interior e ao exterior do corpo, à poesia e à cidade, as numerosas verdades que coexistem no mundo, realidades que habitam simultaneamente em nós. Observamos aqui, portanto, uma anatomia particular, um corpo composto, na pintura, por órgãos, poesia e cidade.

O uso da palavra, em obras de pintura, foi iniciado na História da Arte, no período Moderno, e seguiu sendo desenvolvido como elemento visual importante em obras de artistas brasileiros referenciais, como Mira Schendel, Hélio Oiticica, Anna Bella Geiger, entre outros.



Leonilson

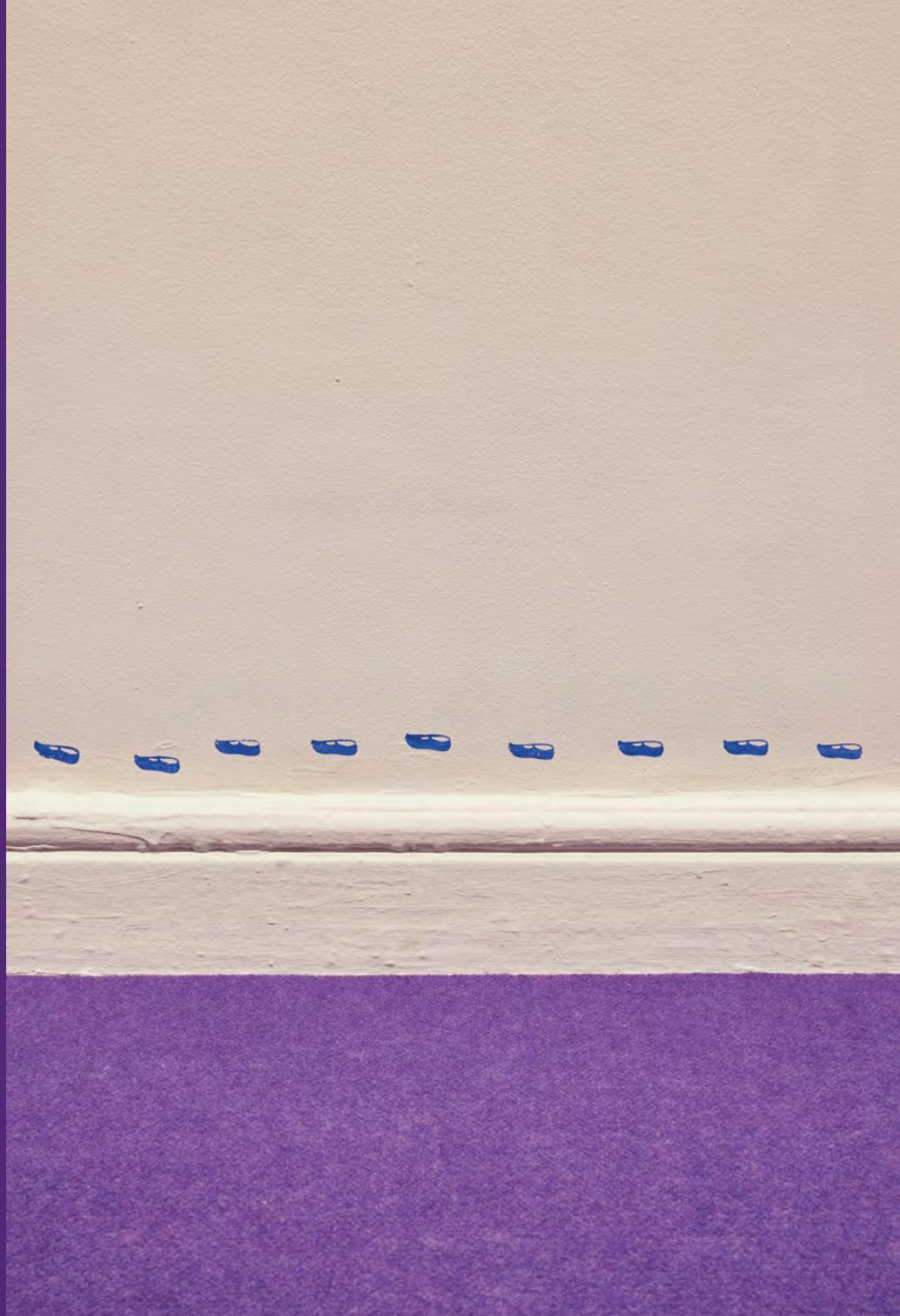
Sem título (As ruas da cidade), c. 1988
 Acrílica sobre lona
 200 x 95 cm
 Coleção particular

Leonilson

O artista cearense Leonilson nasceu em Fortaleza, em 1957. Conhecido por sua obra de pintura, desenhos e bordados, ele misturou delicadeza e, por vezes, ironia em seus trabalhos. Um dos mais importantes artistas brasileiros surgidos na década de 1980, produziu sua obra articulando diversas linguagens artísticas. No ano de 1991, Leonilson foi diagnosticado soropositivo (pessoa infectada pelo vírus HIV/AIDS) e essa condição foi marcante para a realização de seus trabalhos dali em diante. Faleceu em 1993, em São Paulo, por complicações no quadro de saúde.

A obra de Leo, como era chamado por seus amigos e como escrevia em seus trabalhos, é composta por bordados, desenhos, pinturas e instalações. Ao longo de sua produção, conseguiu associar ricamente palavras e imagens com delicadeza, intensidade e simplicidade.

Ana Miguel
*Já lhe disse que
ela foi dormir...*
(carimbo sapatinhos),
1984-2024
Carimbo
Dimensões variáveis
Coleção da artista



Você já imaginou que uma obra de arte pode ser feita com um carimbo? A artista brasileira Ana Miguel, sim. Ela foi uma das artistas que fizeram parte de uma importante exposição chamada “Como vai você geração 80?”, que reuniu muitos jovens artistas ocupando o espaço da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que fica no bairro do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro.

Importante lugar de encontro de jovens artistas, intelectuais e pessoas interessadas pelas artes, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage foi palco de filmes históricos, como *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, em 1967, e de videocliques internacionais como *Beautiful*, dos cantores estadunidenses Snoopy-Dog e Pharell Williams, em 2006. A exposição “Como vai você, geração 80?”, realizada em 1984, foi um momento fundamental na história da arte brasileira e teve o papel de dar destaque a artistas que estavam iniciando sua produção naquele momento. Assim como nos anos de 1980, nas décadas seguintes a escola manteve seu papel de ser um espaço de encontro de diferentes gerações e de formação de artistas. Muitos estudantes dos cursos de arte oferecidos pela EAV Parque Lage tornaram-se artistas profissionais.

Para realizar sua obra no CCBB, Ana Miguel trouxe seu trabalho com a imagem de um pequeno sapatinho, que parece de boneca. Com a repetição da imagem, a artista demarca um trajeto nos rodapés, pé ante pé. O carimbo está bastante ligado à arte da gravura. As gravuras geram obras que podem ser reproduzidas muitas vezes, a partir de uma matriz, que pode ser feita com madeira, metal, entre outros materiais.

Na obra, ao mesmo tempo em que Ana Miguel se utiliza do carimbo, ela também precisa do espaço dos rodapés. É como se esse espaço das paredes, que fica próximo ao chão, fosse o caderno ou o papel sobre o qual ela cria.

Ana Miguel

A artista Ana Miguel, nascida em Niterói no ano de 1962, inicia sua obra enfocando a linguagem artística da gravura na década de 1980. A partir dos anos 1990, ela também passa a produzir obras em bordado, escultura, instalações e objetos, todas muito ligadas ao universo dos sonhos, memórias da infância, imagens fantásticas, relacionando palavra, corpo e espaço em suas criações. Suas obras têm títulos poéticos como “1 flor/1 dor”, “Ela não queria se tornar uma espuminha do mar” e “O amor é uma droga pesada”.

Alex Flemming*lemanjá hipocondríaca, 1985-2006*

Acrílico e embalagens de remédio sobre tela

138,4 x 166 cm

Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

Alex Flemming morou muitos anos e em várias épocas fora do Brasil. Seu pai era piloto de avião e sua mãe, aeromoça. A família viajava frequentemente e viveu nos Estados Unidos e em Portugal. Há 33 anos, Flemming mora na Alemanha. Somando todos os anos que viveu no exterior, dá mais tempo do que os anos vividos no Brasil. Contudo Flemming se reconhece como um artista brasileiro e essa declaração é importante para olharmos a obra “Yemanjá hipocondríaca”.

JOGO DO OLHAR

Desde muito criança, Alex Flemming sabia que era artista. Ele acredita que ser artista é como alguns estados: ou você é ou você não é, não existe um meio termo. Flemming traduz seus sentimentos através de pinturas, objetos e vídeos.

A série *Anjos e sereias* foi produzida em uma das vezes em que o artista voltou a morar no Brasil, depois de uma temporada em Nova York. Naquele momento, ele mergulhou na pesquisa dos santinhos, pequenos cartões com imagens de santos e orações, que são usados na devoção pessoal e distribuídos como lembrancinhas em eventos religiosos, como batizados e primeiras comunhões. Flemming partiu dos santinhos de lemanjá, são Jorge, são Miguel Arcanjo e santa Cecília e os recriou através de pinturas, colagens e serigrafias.

Na galeria, escutamos visitantes se perguntando se o artista fez uso de todos aqueles remédios que formam um mar de embalagens metálicas ao redor da sereia. Flemming confessa: “Felizmente ou infelizmente, sou hipocondríaco”. Ele acredita que a obra precisa refletir seu criador para ser verdadeira e ser bela. Sua lemanjá rodeada de cartelas de medicamentos cria uma questão plástica conceitual e cromática: a sereia impressa em serigrafia em tintas foscas preta, azul e com pequenos detalhes em vermelho e verde se contrapõe às cartelas de alumínio, nas cores prata e laranja, que cintilam aos olhos. A obra “Yemanjá hipocondríaca” faz parte do acervo do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, localizado no Parque Ibirapuera, em São Paulo.



Alex Flemming

A pintura de Alex Flemming está na tela e a extrapola, transbordando para o mundo. Telas, malas, tapetes, laptops, peças de roupas masculinas e painéis de vidro são seus suportes para a pintura. Quem visitar São Paulo, não pode deixar de ver os 22 retratos anônimos de pessoas brancas, negras e asiáticas, fotografadas frontalmente como nas carteiras de identidade. Ampliadas, essas imagens estão gravadas sobre vidros pintados com 22 poemas nas plataformas da estação Sumaré do metrô paulistano. É uma homenagem a todos nós, brasileiros!

UMENTADA E FOTOGRAFADA POR HUIZ...
ESQUISE E AO ESTUDO DA PASSAGEM DO FILHO DE...
TERRA. E REALIZADA POR ARTISTAS QUE DEREM TO...
QUE ELA SE TORNASSE A MAIS RICA E BELA MENSAGEM...
MAIOR OBRA SOBRE A HISTÓRIA DE JESUS, COM TAL...
TE ILUSTRADOS QUE SERÃO ENCADERNADOS EM C...
FORMANDO VOLUMES QUE VÃO ENRIQUECER A IN...
LEGADO DE FÉ, BELEZA E CULTURA QUE VOCÊ É SU...
XAR DE TER A PALAVRA DOS CIENTISTAS.
TORES, ESPECIALISTAS, CATEDRÁTICOS, AS MI...
NTO, REALIZARAM ESTA OBRA INEDITA E...
ITO QUE TESTEMUNHA A PASSAGEM DE JESUS...
DEFINITIVA. EM CADA FASCÍCULO...
FASCÍCULO CONTERÁ UM TEMA SOB...
SOB VÁRIOS ÂNGULOS, PARA QUE RE...
REENDIDOS E ANALISADOS NUM...
DES BÍBLICAS, HISTÓRICAS, ARQUEOLÓG...
ENDER O MUNDO NO QUAL JESUS...
E NUNCA MAIS DEIXOU DE SER OUVID...
ILHER) O HOMEM EM SEU ÍNTIMO...
MENTE ILUSTRADA E RICAMENTE...
E. ENFIM, UMA OBRA QUE É DIGNA...
CULOS SERÃO FORMADOS VOLUMES...
AGRADO DOS SENTIMENTOS. A F...
O PÁGINAS DE CAPAS DE CADA FASC...
RARÁ UMA AUTÊNTICA OBRA DE...
AS, FORMANDO UM...



Arthur Bispo do Rosário

Sem título (Uma obra tão importante que levou 1986 anos para ser escrita...), sem data

Tecido, linha e madeira
258cm x 150 cm x 1 cm
Museu Bispo do Rosário
Arte Contemporânea

Qual roupa você usaria no dia do juízo final? Arthur Bispo do Rosário passou boa parte dos dias de sua vida bordando o próprio manto para esse momento. Além do manto, fez inúmeras outras obras bordadas com todos os nomes de pessoas, lugares e coisas que conheceu ao longo de sua biografia.

Como vivia em um hospital psiquiátrico quando começou a fazer seu manto e seus estandartes, na falta de linha, Bispo desfiava uniformes de internos para fazer os bordados, usando, também, todo tipo de material descartado: chinelos usados, canecas, vassouras, arames, entre outros.

Uma das frases bordadas que conseguimos ler nesta obra é “o mais sagrado dos sentimentos”. Bispo dedicou-se a construir o mundo a seu modo, registrando, com objetos, roupas e estandartes bordados, as suas experiências.

Você já se perguntou qual é, para você, o mais sagrado dos sentimentos?

Arthur Bispo do Rosário

Sergipano de Japaratuba, Arthur Bispo do Rosário veio viver no Rio de Janeiro em 1925, onde foi oficial da Marinha por nove anos. Também foi lutador de boxe e funcionário de uma companhia de energia elétrica. A partir de uma situação de delírio, em uma de suas internações por problemas de saúde mental, Bispo relatou que “ouvi vozes que lhe diziam que chegara a hora de representar todas as coisas existentes na Terra para a apresentação no dia do juízo final”. Apesar de todas as estruturas de exclusão que o marcaram (um homem negro, nordestino, pobre, que viveu internações em boa parte da vida), conseguiu, com a força e a importância de suas obras, redefinir sua passagem pelo mundo.



Nazareth Pacheco

Sem título (Vestido), 1990

Borracha

82 x 56 x 12 cm

Coleção Otávio e Gustavo Cutait Abdalla

Na década de 1980, Nazareth Pacheco começa a trabalhar com bronze, em peças de pequeno formato, tendo o corpo humano como inspiração em formas curvilíneas. Logo a artista vai ampliar sua pesquisa e experimentar estruturas de madeira, ferro e latão, associadas a pinos de borracha vulcanizada preta, aproveitando a sucata de uma fábrica de peças automotivas. Mais tarde Nazareth Pacheco vai explorar a maleabilidade da borracha, acompanhando o processo de beneficiamento, em uma usina, desde a chegada do látex líquido ou coagulado, que é transformado em mantas rugosas por meio de uma prensa.

O corpo feminino e seu universo é campo de interesse de Nazareth Pacheco, com na instalação construída com espelhos vaginais (instrumentos utilizados em exames ginecológicos), nos moldes dos seios fundidos em bronze e chumbo e neste “vestido-obra”. O corpo, a sensualidade pertencente a sua intimidade ou aos confrontos que o corpo precisa atravessar parecem estar à flor da pele.

Nazareth Pacheco

Nascida em São Paulo, em 1961, Nazareth Pacheco desenvolveu uma série de trabalhos com borracha preta vulcanizada, que estão relacionadas a questões autobiográficas e ao corpo da própria artista. A artista sofre de uma condição de saúde que a leva a realizar diversas cirurgias reparadoras.

Os exercícios de embelezamento, que se confundem com técnicas de tortura, são também tema de Nazareth. No campo escultórico, a artista tem objetos e instalações que exploram as oposições: delicadeza, dor, transparência, peso são algumas das qualidades de seus trabalhos, como, na série “Objetos sedutores”, um sutiã produzido com acrílico, cristais e agulhas; vestidos criados com cristal, miçanga e lâmina de barbear.

Na imagem que a artista Cristina Salgado constrói neste trabalho, vemos uma figura formada de televisões, num ambiente que lembra uma sala de estar. O que nesta imagem poderia estar associado ao materialismo? Se pensarmos que este termo geralmente é atribuído a pessoas que têm interesse em acumular objetos caros, ligados ao poder de consumo, teremos uma das muitas possíveis respostas a esta pergunta.

Nos anos 1980, o conteúdo transmitido nas televisões também fazia o papel de criar tendências a serem desejadas e copiadas pelas pessoas, como hoje fazem as redes sociais acessadas pelos celulares e computadores. Tendo essas mudanças em mente, vamos imaginar como a família materialista atual poderia ser representada em uma pintura ou desenho.

Cristina Salgado

A artista Cristina Salgado, nasceu no Rio de Janeiro, em 1957. Desenvolve seu trabalho passando pelas linguagens artísticas de pintura, escultura, desenho e instalações. As obras de Cristina são marcadas por possibilidades múltiplas de investigação em torno do corpo, por meio de variadas formas de representação e questionamentos, como a que vemos na obra aqui analisada.



Cristina Salgado
Mulher TV da série
Família Materialista, 1982
Guache e nanquim
sobre papel
70 x 50 cm
Coleção da artista

E.

N.



8

LEONARDO DA VINCI

6

Emmanuel Nassar

Roda de bicho, 1986

Acrílica sobre tela

130,5 x 150,5 cm

Coleção Lúcio Chamon Jr.

Você já se perguntou como um artista escolhe as cores para fazer uma obra? O que passa pela cabeça de um artista quando ele decide o tema com o qual irá trabalhar?

Emmanuel Nassar é um artista conhecido por trabalhar com as cores com muita habilidade. Na obra “Roda de Bicho”, podemos perceber isso na composição da pintura: ainda que ela tenha elementos coloridos apenas na área central, o artista usa letras e números colocadas nos quatro cantos da imagem para equilibrar sua pintura.

Você percebeu o que significam E., N., 8 e 6? Quer uma pista? Busque as iniciais do nome do artista e a data em que a pintura foi realizada e você terá a resposta.

Outro elemento importante são os bichos, pintados próximo à roda de cores. Se traçarmos linhas entre cada “fatia” de cor desta roda, vemos que cada elemento visual está localizado na direção traçada por elas, sejam as letras e números, sejam os bichos. Essa obra nos mostra uma importante questão moderna e contemporânea da arte: a articulação entre elementos alfabéticos (palavras, letras, números) e visuais (cores, linhas, formas).

Emmanuel Nassar

Paraense da cidade de Capanema, Emmanuel Nassar nasceu em 1949. Sua principal linguagem artística é a pintura, já tendo realizado também obras em outros formatos, como relevos e instalações. Seus relevos são produzidos com materiais tridimensionais articulados com pinturas, e o trabalho que desenvolve com cor tem destacado protagonismo. Aspectos críticos e sociais também são abordados em sua obra, por vezes de maneira lúdica, em outras de modo mais crítico.



JOGO DO OLHAR

Akuaba é uma peça que as mulheres que não são férteis colocam próximo à barriga para terem filhos. Um mito conta que o nome Akuaba (“a criança de Akua”) está relacionado a uma mulher chamada Akua, que era estéril, mas tinha o enorme desejo de gerar filhos. Um sacerdote a orientou que entalhasse na madeira uma pequena estatueta representando uma criança. Essas imagens são popularmente chamadas de bonecas da fertilidade e fazem parte da tradição de povos africanos. Para essa cultura matrilinear, é muito bom o nascimento de mulheres, por isso essas figuras costumam ter características femininas. A cabeça grande simboliza inteligência, a forma redonda do rosto simboliza beleza, e os braços, que geralmente estão estendidos, trazem a ideia de generosidade. No Brasil, a akuaba é associada a Oxum.

Na composição, estão quatro figuras: Entre uma figura inspirada em uma escultura africana e a akuaba há o corpo de uma mulher, grávida, que vibra. O desenho de um trio abraçado são dois homens e uma mulher. Essa estampa fala da vibração do corpo e da música.

Os desenhos de animais selvagens, como antílopes, e humanos caçadores, são figuras africanas de arte rupestre encontradas nas montanhas de Tassili n’Ajjjer, no sudeste da Argélia, no deserto do Saara.

Esta obra foi elaborada com duas faces. No verso, está apenas a composição central em outra palheta de cores, em quatro faixas horizontais. Goya faz uma brincadeira e trabalha com a composição de cabeça para baixo.



Goya Lopes

Didara, 1992

Silk screen

283,5 x 240 cm

Coleção Rupestre - Acervo da artista

Desenhos Goya Lopes caderno de esboço

Desenho Ancestral, 2020

Desenho Alegria alegria, 2010

Goya Lopes

Goya Lopes é uma mulher negra, baiana e brasileira. Seu fazer artístico está intimamente ligado a suas raízes e ancestralidade. Seu traço começou a ser percebido muito cedo. Quando ela tinha sete anos, sua família foi morar por um ano na França. Foi lá que a professora chamou os pais de Goya para conversar e disse que a menina tinha um desenho diferente das outras crianças. Então, recomendou que incentivassem a filha. O pai logo foi comprar para a menina uma coleção do Museu Louvre, que ela guarda até hoje e diz que é um talismã. Já de volta a Salvador, aos onze anos, Goya teve a primeira professora de artes, com quem aprendeu desenho de observação e foi apresentada à cultura popular, desenhando ex-votos, cerâmicas de Maragogipinho e outros objetos.



Quando Goya se formou na faculdade de Belas Artes, outro professor lhe sugeriu que ela seguisse o que ele chamou de profissão do futuro: o design. Goya se candidatou a uma bolsa de estudos e foi selecionada para a universidade de Florença. Na Itália, casou seu dom para o desenho e o design, optando pela área de estampa. Nos anos 1970, o design estava começando no Brasil e tinha os olhos voltados para o exterior. Então, surgiu a marca ANA - Arte Nativa Aplicada, de design de tecido com inspiração na arte nativa, no grafismo indígena. Goya encontra o seu lugar no design inspirada na matriz afro, grafismos e cores referenciando a ancestralidade afro-brasileira. Na década de 1980, ela começa a construir seu projeto de design.

“Didara”, título da obra, significa “o que é bom”, em Orubá. É também o nome da primeira marca de Goya Lopes, que queria trabalhar com moda, porque “a moda circula”. Em 1993, Goya ganha o Prêmio de Design da Casa Brasileira e expõe em várias partes do mundo. Ela vestiu blocos, músicos, a irmandade da Boa Morte, baianos, fez estampas para marcas brasileiras. Dois grandes panôs seus adornam paredes do Palácio do Itamaraty, em Brasília.

Fullgás

trouxe para as galerias do CCBB Rio de Janeiro mais de 200 artistas de todos os estados brasileiros em trabalhos de pintura, desenho, criação de objetos, fotografia e vídeo. Neste caderno, apresentamos apenas onze artistas desse imenso time. A proposta do CCBB Educativo – Lugares de Culturas é que este material, que é distribuído gratuitamente e está disponível em PDF no site do CCBB (<https://ccbb.com.br/programacao-digital/catalogos/>), seja um companheiro nas descobertas desta exposição.

CCBB Educativo Lugares de Culturas

Sapoti projetos Culturais

Coordenação Geral

Daniela Chindler

Coordenação Pedagógica

Alexandre Diniz e Tatiana Henrique

Coordenação de Produção

Nathalia Pereira e Flávia Rocha

Assistentes de Produção

Aleph Archanjo, Caeu da Silveira e Jade Bastos

Assistente de Mídias Sociais

Amanda Mello

Estagiário de Produção

Gabriel Rodrigues

Educadores

Ana Catharina Braga, Davi Vasconcelos, Raphael Rodrigues, Ruana Carla Andrade, Valentina Ramos e Victor Quintanilha

Estagiários

Alex da Conceição Martins, Ana Carla Rodrigues, Barbara Barbosa, Caio Vinicius, Emiliano Fischer, Ericka Devillart, Gabriela Schiavo, Gabriele Soares, Itamar Goldwaser, Joyce Williane Rodrigues, Manoela Carvalho, Marcos Huan, Marianna Bilotta, Mateo Tokum, Melina Serrapio, Nalui Amaral, Philipe Baldissara e Thalles Cruz.

Coordenação de Prestação de Contas

Moulin Projetos e Cultura - Isabella Moulin

Apoio Administrativo

Matheus Mello

Financeiro

Hugo Nascimento

FULLGÁS

Patrocínio

BB Asset

Realização

Ministério da Cultura e Centro Cultural Banco do Brasil

Curadoria-Geral

Raphael Fonseca

Curadoria Adjunta

Amanda Tavares e Tálisson Melo

Assistência de Curadoria

Amanda Sammour, Juliana Reolon e Kamyla Belli

Produção Executiva

arte3

Coprodução

conceito

Coordenação de Produção Executiva

Ana Helena Curti

Equipe de Produção Executiva

Eduardo Toni Raele e Rodrigo Primo

Produção Local

Tatiana Belli

Caderno - Fullgás artes visuais e anos 1980 no Brasil

Redação

Daniela Mattos
Daniela Chindler (textos Alex Flemming e Goya Lopes)

Edição

Daniela Chindler

Colaboração

Alexandre Diniz

Design

Giovanna Cima

Revisão

Sol Mendonça



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

Co-produção

arte3
conceito

Patrocínio Exposição



BB ASSET

Educativo

SAPOTI
CULTURA



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

CCBB Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 Centro
Rio de Janeiro - RJ

Informações:

(21) 3808 2020 | ccbbrio@bb.com.br

Horário de funcionamento:

Quarta a segunda: 9h às 20h

Terça: Fechado

Entrada gratuita

Agendamento de grupos:

agendamento.rj

[@programaccbbeducativo.com.br](https://www.instagram.com/programaccbbeducativo.com.br)

f /ccbb.rj

@ /@ccbb_rj

x /ccbb.rj

♫ /@ccbbcultura

Central de Atendimento BB:
4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC:
0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala:
0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura